

Capítulo 7

O Cardeal falha

Para o fim de 2006, o Arcebispo Bertone, Secretário da CDF, tinha ascendido a Cardeal, sucedendo ao Cardeal Sodano como Secretário de Estado do Vaticano do Papa Bento XVI. No ano anterior, a Irmã Lúcia falecera aos 97 anos de idade, seguida algum tempo depois pelo Papa João Paulo II. Mas a controvérsia sobre o Terceiro Segredo não só não desapareceu como se intensificou ainda mais do que antes. *Quarto Segredo* de Antonio Socci (publicado em Novembro de 2006) tinha apresentado ao Vaticano um novo e pesado fardo de provas. A evidência a que Socci tinha dado tanta publicidade, e que incluía o depoimento do Arcebispo Capovilla, obrigou o Vaticano a demonstrar clara e convincentemente que não estava envolvido naquilo que só se podia chamar uma conspiração para ocultar as palavras da Virgem Maria indicadas pelo famoso “etc” da Irmã Lúcia e redigidas num texto que tinha estado nos aposentos papais, na gaveta do lado direito da escrivaninha chamada “Barbarigo”.

O risco de falhar

Era um acontecimento sem precedentes na história da Igreja: um leigo católico, conhecido em toda a Itália, celebridade da televisão, tinha, em essência, acusado publicamente o Secretário de Estado do Vaticano e os seus colaboradores de enganarem a Igreja e o mundo num assunto de grave importância espiritual e temporal. Desta vez, a acusação não podia ser neutralizada com uma referência depreciativa aos “Fatimistas”.

Socci não podia, obviamente, ser considerado como pessoa de ideias pré-concebidas, porque tinha estado *de acordo* com a posição de Bertone antes de começar a examinar a evidência. Mas, como cada vez mais fiéis, incluindo Socci, iam começando a aceitar, os “Fatimistas” eram, nada mais nada menos, que fiéis católicos que estavam cheios de razão nas suas objecções. Graças ao livro de

Socci, que deu voz às preocupações destes Católicos, o aparelho de Estado do Vaticano responsável por gerir o Terceiro Segredo tinha sido, na prática, acusado no tribunal da opinião pública. Agora não tinha outra escolha senão responder à acusação; porque, se não o fizesse, estava a admitir que era verdade.

Por outro lado, responder a Socci seria uma tarefa perigosa. Se as suas alegações (e as dos “Fatimistas”) fossem de facto verdadeiras, negá-las exigiria mais enganos e um grave risco de entrar em mais contradições de factos conhecidos. Mas opor-se a Socci sem responder devidamente às suas alegações seria ainda pior do que não responder; seria um fracasso total de Bertone e do Vaticano. Dado o perigo, se as alegações fossem verdadeiras, não podia haver uma resposta “oficial” do Vaticano, e de modo nenhum uma resposta do Papa (que se manteve sempre afastado da controvérsia). E, de facto, até agora não houve nenhuma resposta oficial do Vaticano ao *Quarto Segredo* ou ao caso que o livro apresenta. Assim, a resposta a Socci teria de ser “extra-oficial”, para evitar responsabilidades do Vaticano no caso de um resultado desfavorável. O fracasso de quem respondesse a Socci seria o *seu* fracasso, e não do Vaticano. Parece ter sido este o raciocínio por detrás da maneira como se respondeu a Socci.

Um livro que não responde a nada

Em Maio de 2007, Rizzoli, o mesmo editor que publicou *Quarto Segredo*, lançou à pressa um livro do Cardeal Bertone intitulado *L'Ultima Veggente di Fatima* [“A última vidente de Fátima”].¹⁸⁹ O livro, que apareceu à venda apenas seis meses depois do *Quarto Segredo*, é essencialmente uma entrevista de 100 páginas ao Cardeal, referente a vários assuntos e seguida de mais 50 páginas de apêndices. A profusidade verbal esconde umas meras nove páginas de comentários em resposta às declarações de Socci e dos “Fatimistas” (incluindo o Padre Gruner, cujo nome também é mencionado pelo Cardeal). O entrevistador era um leigo, Giuseppe De Carli, um *vaticanista* (jornalista que costuma cobrir o Vaticano) e grande admirador do Cardeal, cujas perguntas bajuladoras não só apresentavam grande dificuldade ao Cardeal como até o ajudavam a promover aquilo a que Socci chamou “a reconstrução oficial” do

¹⁸⁹ Cardeal Tarcisio Bertone com Giuseppe De Carli, *L'Ultima Veggente di Fatima. I miei colloqui con Suor Lucia* (Milão: Rai e Eri Rizzoli, 2007). Tradução portuguesa nossa De Carli é também o autor de uma biografia do Papa Bento XVI, que escreveu a apresentação da *L'Ultima Veggente di Fatima*.

Terceiro Segredo.

O livro tem o subtítulo “Os meus encontros com a Irmã Lúcia”. Estes eram os alegados encontros a que Bertone compareceu por mando do Vaticano, em preparação para a “revelação” do Terceiro Segredo em Junho de 2000 e para defender a sua posição depois de a visão ter sido publicada e de a *Mensagem* ter sido discutida com uma incredulidade cada vez maior. A *Última Vidente* declara que houve três encontros ao todo: 27 de Abril de 2000 (em que a Irmã Lúcia supostamente negou ter recebido a “ordem expressa de Nossa Senhora” para o Terceiro Segredo ser divulgado em 1960), 17 de Novembro de 2001 (a entrevista “desastrosa” que discutimos no Capítulo 5), e um terceiro encontro, até então nunca mencionado, com data de 9 de Dezembro de 2003, cujo conteúdo não é citado explicitamente. Bertone diz que estes encontros duraram “pelo menos dez horas” no total.¹⁹⁰ Em vista do que já apresentámos aqui, não é de surpreender que nem sequer um minuto daquelas dez horas fosse transcrito ou gravado em áudio ou vídeo. Em vez disso, o Cardeal “tomou notas”, a partir das quais fez mais tarde “sínteses.”¹⁹¹

Numa revelação inteiramente nova, porém, o Cardeal declarou ter feito “minutas editadas (*verbali redatti*)” dos encontros, que a Irmã Lúcia “assinou com toda a convicção...”¹⁹² Estas “minutas editadas” alegadamente assinadas nunca foram publicadas e nem sequer foram mencionadas antes d’A *Última Vidente*. E o Cardeal, pormenor revelador, não apresenta cópias das “minutas editadas” ou das suas “notas” num apêndice d’A *Última Vidente*. E nenhuma das alegadas testemunhas destas entrevistas alguma vez confirmou a fiabilidade das “notas”, “sínteses” e “minutas editadas” de Bertone.¹⁹³

Por incrível que pareça, Bertone revela n’A *Última Vidente* que

¹⁹⁰ Ibid., p. 39.

¹⁹¹ Ibid., pp. 39, 48.

¹⁹² Ibid., p. 100.

¹⁹³ Lê-se n’A *Última Vidente* que, durante o encontro de 27 de Abril de 2000, o então Bispo de Leiria-Fátima, D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, também esteve presente (p. 42). Já indicámos que, durante o alegado encontro de 17 de Novembro de 2001, o Rev. Luís Kondor, SVD, Vice-Postulador da causa dos Beatos Francisco e Jacinta, e a Priora do Convento das Carmelitas de Santa Teresa, em Coimbra, teriam estado presentes. Que saibamos, nenhuma destas testemunhas se apresentou a autenticar as declarações de Bertone sobre o que a Irmã Lúcia lhe teria alegadamente dito, com uma excepção: o Bispo D. Serafim apareceu na televisão em Setembro de 2007 a confirmar o que ele sublinhou ser “*apenas um facto*”: que ele vira a Irmã Lúcia a autenticar o texto da visão do Bispo vestido de branco durante o seu encontro com Bertone em 27 de Abril de 2000. Cf. a discussão no Capítulo 10. É claro que ninguém disputa a autenticidade deste texto.

nem sequer fez uma lista de perguntas específicas, ao preparar as suas três importantes missões, confiadas pelo Vaticano, para interrogar a Irmã Lúcia.¹⁹⁴ Mas o próprio De Carli anotou que, quando foi entrevistar Bertone para o livro, estava “armado com páginas inteiras de perguntas e um gravador.”¹⁹⁵ É o procedimento normal quando se vai fazer uma entrevista fiável sobre um tema importante, para ficar um registo histórico. Mas tudo isto foi então dispensado. E hoje não temos maneira de verificar independentemente o que a Irmã Lúcia teria alegadamente dito a Bertone em dez horas de conversa. Temos só as alegadas “notas”, “sínteses” e “minutas editadas” de Bertone, mas nem estas estão disponíveis. Evidentemente, é assim que o Cardeal quer que suceda.

Evitando todos os problemas

Ao tentar responder a Socci, o Cardeal Bertone foi obrigado a tratar de pelo menos estes pontos de maior importância, apresentados por Socci no *Quarto Segredo*:

- o depoimento do Arcebispo Capovilla de que havia dois textos e dois envelopes que compreendiam o Terceiro Segredo;
- o depoimento do Bispo Venâncio e do Cardeal Ottaviani de que havia um texto do Segredo de uma página e 25 linhas de comprimento, distintamente das quatro páginas e 62 linhas da visão do “Bispo vestido de branco”;
- as palavras da Santíssima Virgem que se seguiam ao “etc” da Irmã Lúcia na Quarta Memória;
- a evidência a favor de um texto do Segredo ter estado guardado nos aposentos papais, distintamente do texto que estava no arquivo do Santo Ofício;
- a leitura dos textos do Segredo por dois Papas (Paulo VI e João Paulo II) em datas que *precediam em anos* as da versão oficial na *Mensagem*, o que apontava fortemente para a existência de um texto distinto do da visão, apresentado em 2000;
- a “ordem expressa” da Santíssima Virgem, que ligava o Segredo a 1960, ano que se seguiu à convocação do Concílio Vaticano II por João XXIII;

¹⁹⁴ Bertone, *L'Ultima Veggente di Fatima*, pp. 49-50.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 31.

- os depoimentos abundantes em como o Segredo se refere a uma grave crise na Igreja depois de 1960, em conjugação com uma catástrofe planetária.

Embora tivesse escrito um livro inteiro, *A Última Vidente*, para responder a Socci, Bertone evitou *todos* estes pontos no seu livro, com uma só excepção: a ligação do Segredo ao ano de 1960. Neste ponto, Bertone oferece uma explicação que é patentemente incrível, como veremos. Examinemos em breves linhas a tentativa d'A *Última Vidente* – ou antes, o *fracasso* da tentativa – de responder a Socci.

Aceitou o depoimento de Capovilla

Em primeiro lugar, n'A *Última Vidente* Bertone aceita silenciosamente o depoimento do Arcebispo Capovilla, de que há de facto dois envelopes e dois textos referentes ao Terceiro Segredo. Neste ponto decisivo, é crucial notar que De Carli *convida especificamente* Bertone a comentar a afirmação de que há “Dois textos do Terceiro Segredo. Um divulgado em 2000, e o outro que continua nos aposentos papais, onde foi colocado por Pio XII, e consultado por João XXIII e por Paulo VI. O chamado ‘envelope Capovilla’, do nome de Monsenhor Loris F. Capovilla, secretário do Papa Roncalli.”¹⁹⁶

E qual foi a resposta do Cardeal? *Simplesmente ignorou a referência a Capovilla*. Em vez disso, lançou um protesto tão indignado como irrelevante:

Sabe a que é que se agarram os que usam a lente do preconceito? Agarram-se ao facto de que o ‘Segredo’ revelado não tem uma única palavra da Virgem dirigida aos pastores... As palavras da Virgem teriam sido temerariamente censuradas, por serem consideradas devastadoras. E em que é que se firma a certeza apodíctica de que o “envelope” ficou sempre nos “aposentos”, e mesmo numa gaveta da mesinha de cabeceira do Papa?¹⁹⁷

Notemos, antes de mais, a admissão tácita (sob a aparência de uma negação) de que *havia* um texto nos aposentos papais! Bertone alterou subtilmente o problema, para ser o de se aquele texto “ficou sempre” ali. Bertone perguntou então qual era a base para dizer que o texto “ficou sempre ali” – como se ele não soubesse! Mas Bertone

¹⁹⁶ Ibid., p. 78.

¹⁹⁷ Ibid.

estava perfeitamente consciente do depoimento do Arcebispo Capovilla – que De Carli lhe referira havia um momento – de que havia dois envelopes e dois textos do Terceiro Segredo, um dos quais estava arrumado nos aposentos papais.

A estupenda evasiva de Bertone leva a estas conclusões alternativas, todas elas fatais à “reconstrução oficial”: (a) Bertone, cuja missão pessoal era defender a “reconstrução oficial”, recusou-se a falar com o Arcebispo Capovilla sobre o seu depoimento “explosivo” porque sabe ou suspeita que o depoimento é verdadeiro e não quer vê-lo confirmado directamente por Capovilla; (b) Bertone tentou discutir com Capovilla a respeito do seu depoimento, mas não conseguiu um desmentido, e Capovilla manteve-se firme apesar das pressões do Secretário de Estado do Vaticano; ou (c) sob a reserva mental a que já nos referimos, Bertone está a agir mentalmente como se o texto que falta não “existisse”, por ter sido considerado “não autêntico”, de modo que o depoimento de Capovilla sobre ele pode também considerar-se “não existente.”¹⁹⁸

Para além do depoimento de Capovilla, que, desastrosamente, não consegue enfrentar, Bertone ignorou também os depoimentos de outras testemunhas (a Madre Pasqualina e Robert Serrou) sobre a existência de um texto nos aposentos papais, e a fotografia na revista *Paris-Match*. Mesmo assim, como veremos no Capítulo 10, Bertone acabaria por ser forçado a admitir que havia mesmo um texto nos aposentos papais, apesar das suas evasivas e negações aparentes nos sete anos anteriores.

Há também uma grande omissão aqui. Apesar de saber, há muitos anos, da presença do texto nos aposentos papais, e sem qualquer dúvida desde 2000, altura em que foi publicada a *Mensagem*, Bertone não diz nunca, nem n’A *Última Vidente* nem noutra sítio qualquer, que *perguntou* simplesmente a João Paulo II, ao Cardeal Ratzinger, a Stanislaw Dziwisz (o estimado secretário pessoal do Papa e mais tarde Arcebispo de Cracóvia), ou a qualquer outra pessoa que soubesse a resposta, se havia, de facto, um texto do Terceiro Segredo nos aposentos papais durante o pontificado de João Paulo II ou de qualquer dos seus predecessores. Teria sido uma coisa simples encontrar testemunhas, incluindo o próprio

¹⁹⁸ Qualquer possível “desmentido” súbito de Capovilla no futuro seria obviamente suspeito, e iria contradizer o seu próprio documento sobre a localização do Terceiro Segredo na gaveta da escrivaninha que estava no quarto do Papa. Discutiremos nos Capítulos 9 e 10 as tentativas fracassadas de Bertone para obter um “desmentido” de Capovilla, que não só não desmentiu nada do que dissera a Paolini, como até fez mais revelações que atacam a versão oficial.

Papa falecido, enquanto estava vivo, que declarassem que nunca tinha havido um tal texto – se realmente fosse esse o caso. Mas não apresenta uma única testemunha, de tantas que estavam a par do assunto, sobre este ponto crucial.

Só são possíveis três conclusões: (a) Bertone nunca fez a pergunta porque não queria saber a resposta; ou (b) sabe a resposta e está a escondê-la desonestamente; ou (c) usando a reserva mental, o documento nos aposentos papais não “existe” por ser considerado “não autêntico”. Não importa qual destas conclusões é aceite, a falha de Bertone em contestar ou até *mencionar* o depoimento de Capovilla significa que o caso está encerrado: Bertone falhou.

Aceitou o depoimento do Cardeal Ottaviani

N’A *Última Vidente*, o próprio De Carli resume alguma da evidência, incluindo o depoimento-chave do Cardeal Ottaviani, de que “o ‘Segredo’ estava escrito numa só folha de papel. *Vinte, vinte e cinco linhas ao todo*”, enquanto o documento publicado pelo Vaticano em 2000 “*tinha 62 linhas. Quatro páginas, exactamente*”. Em seguida, De Carli perguntou modestamente a Bertone: “Não podia o primeiro documento conter as palavras da Madonna e o segundo a descrição da visão?” A resposta de Bertone começa com outra evasiva bem clara:

O primeiro documento não existe. Nunca existiu *no Arquivo do Santo Ofício*. Para chegar aos documentos do *arquivo*, são precisas três chaves. Naquela altura [a década de 1950], não havia a figura da Congregação [para a Doutrina da Fé, sucessora do Santo Ofício], o próprio Papa era chefe do Santo Ofício. *Não sei a que se referem as palavras do Cardeal Ottaviani.*¹⁹⁹

Repare-se no cuidado que Bertone tem em qualificar a sua negação: o tal documento desaparecido “Nunca existiu *no Arquivo do Santo Ofício*”, o que, evidentemente, não é o mesmo que dizer que nunca existiu, ponto final. Bertone sabe muito bem que a afirmação perante ele é precisamente a de que o documento que falta *não* estava no Arquivo, mas sim nos aposentos papais. Esta afirmação é precisamente a que Bertone já tinha aceite, ao falhar e se recusar enfrentar o depoimento do Arcebispo Capovilla, ou as restantes provas que colocavam o documento nos aposentos papais.

Quanto à evasiva de Bertone de não saber a que é que o Cardeal

¹⁹⁹ Bertone, *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 76.

Ottaviani se referia, ao falar de um texto de 25 linhas numa só página, vemos mais uma vez que aqui está uma curiosíssima falta de interesse em investigar e refutar uma peça-chave da evidência que destrói a “reconstrução oficial.” Se o relatório do depoimento do Cardeal Ottaviani fosse falso, Bertone ainda tinha acesso a testemunhas vivas e registos do Vaticano que poderiam tê-lo apoiado. Mas Bertone nem sequer tenta negar que Ottaviani disse o que lhe foi atribuído. Só afirma *não* saber a que documento se refere Ottaviani. O seu depoimento é assim aceite tão completamente como o do Arcebispo Capovilla.

Mais uma vez, Bertone falhou. De facto, como veremos no Capítulo 8, durante a sua entrevista na televisão algumas semanas mais tarde, Bertone modificou a sua afirmação de que não tinha ideia sobre o que Ottaviani estaria a falar; *admitiu positivamente* que Ottaviani tinha declarado que o Segredo estava escrito numa só página com 25 linhas de texto – uma admissão que contribuiu para o colapso total da “reconstrução oficial” durante o programa com Bertone.

Evadindo o depoimento de Joaquín Navarro-Valls

A evasiva seguinte de Bertone diz respeito à evidência crucial da declaração do porta-voz papal Joaquín Navarro-Valls, citada por *The Washington Post*, segundo a qual João Paulo II leu um texto do Terceiro Segredo em 1978, dias depois da sua eleição. Como indicámos no Capítulo 4, o texto que João Paulo II leu depois da tentativa de assassinio em 1981 foi-lhe levado do arquivo do Santo Ofício, e não há indícios de que lhe tivesse sido levado do mesmo arquivo um texto do Segredo, qualquer que ele fosse, em 1978. Conclui-se, portanto, que o que o Papa leu em 1978 deve ter sido um texto *diferente*, localizado nos aposentos papais, onde, de facto, estava guardado um texto do Segredo durante os pontificados de João XXIII e Paulo VI, como testemunharam o Arcebispo Capovilla e outras pessoas, *sem que Bertone os contradissesse*.

Aqui, De Carli foi pelo menos persistente, mas a sua persistência foi recompensada com uma série de evasivas bem calculadas. Primeiro, De Carli perguntou: “Segundo disse, João Paulo II pediu que o ‘Terceiro Segredo’ lhe fosse levado à Policlínica Gemelli em Julho de 1981. Ele já tinha lido o texto?” A espantosa resposta de Bertone foi: “Estou convencido de que não o tinha lido.”²⁰⁰ Está

²⁰⁰ Ibid., p. 57.

convencido? Bertone era o homem-chave responsável pela gestão da controvérsia do Terceiro Segredo a partir de 2000, e nunca lhe deu para simplesmente *perguntar* ao Papa, antes da sua morte em 2005, quando é que Sua Santidade tinha lido o Terceiro Segredo pela primeira vez? E não perguntou a Navarro-Valls, que *ainda está vivo*?

Voltando ao tema, De Carli perguntou: “Está convencido disso, ou tem a certeza?” Em resposta, o Cardeal lança nova evasiva: “Tenho a certeza. Baseio-me na documentação do Arquivo da Congregação para a Doutrina da Fé, documentação que eu comparei com os resultados do Arquivo do Secretário de Estado.”²⁰¹ É estranho que Bertone, que podia ter simplesmente perguntado ao Papa – e ainda pode perguntar a Navarro-Valls – quando é que o Papa leu o Terceiro Segredo pela primeira vez, não só não o fez mas, em vez disso, diz-nos que se “baseia” numa comparação de dois conjuntos de documentos que não nos diriam nada sobre este assunto!

Insistindo ainda mais (enquanto se prepara para passar ao capítulo seguinte d’*A Última Vidente*), De Carli perguntou: “Um Papa que sente a devoção a Maria no seu ADN espiritual sabe que o Segredo existe e *não o leu logo que foi eleito?*”²⁰² De facto, é impossível acreditar que João Paulo II não tivesse interesse em ler o Terceiro Segredo até ir para o hospital em Julho de 1981, quase três anos depois do início do seu pontificado, especialmente considerando que o seu antecessor Paulo VI leu o Segredo ainda não eram passados *seis dias* após a sua eleição, quando ainda não tinha sido sagrado Papa. Aqui está a resposta evasiva de Bertone – a terceira seguida: “*Na minha opinião*, não. Depende da sensibilidade, das circunstâncias particulares. Depois de ser eleito, João Paulo II aplicou-se ao objectivo de re-evangelizar o mundo.”²⁰³

Na sua *opinião*? Quando lhe bastava perguntar ao Papa? Quando ainda hoje só precisava de pedir a Navarro-Valls para confirmar ou desmentir a notícia de *The Washington Post*? Quando, já agora, podia perguntar a alguém que soubesse, como o Papa Bento XVI ou o Arcebispo Dziwisz? E espera que acreditemos que João Paulo II não teve tempo de ler o Terceiro Segredo *nos três primeiros anos do seu pontificado*, porque estava muito ocupado a re-

²⁰¹ Ibid., p. 58.

²⁰² Ibid., p. 59.

²⁰³ Ibid., p. 59.

evangelizar o mundo? Mas o que seria mais útil naquela missão do que ler o conteúdo do Segredo, que teria conselhos preciosos, vindos da Mãe de Deus, de quem o Papa era devoto, como Bertone tem o cuidado de nos lembrar?

Como se explica que Bertone se limite resolutamente a uma “opinião” (ou a uma comparação despropositada de documentos) num assunto que podia ter verificado de imediato, perguntando ao Papa, a Navarro-Valls, ao Arcebispo Dziwisz e sabe-se lá a quantas outras pessoas capazes de lhe dizer se o Papa tinha lido um texto do Segredo em 1978? Mais uma vez, só há três conclusões possíveis: (a) Bertone não quer saber a resposta, para parecer que nega (sem de facto negar) que o Papa leu o Segredo em 1978; (b) já sabe que o Papa o leu e está a esconder a verdade porque revela a existência de um outro texto; ou (c) sob reserva mental, o texto que João Paulo II leu em 1978 é “não autêntico” e por isso não “existe”.

Seja como for, a aversão evidente de Bertone a admitir que o Papa leu um texto do Segredo em 1978 (como Navarro-Valls disse) é compreensível: Se o Papa leu o Segredo em 1978, então o documento que leu não lhe foi levado do arquivo do Santo Ofício, onde não há vestígios desta requisição. E como não estava no arquivo, deve ter estado nos aposentos papais – precisamente onde o Arcebispo Capovilla o localizou, no depoimento a que Bertone se recusa a responder, mesmo quando um entrevistador da sua simpatia *lhe pergunta directamente sobre ele*.

Além disso, Bertone não tinha nada a dizer sobre o depoimento do Arcebispo Capovilla, segundo o qual o Papa Paulo VI também lera um texto do Terceiro Segredo *anos antes* de a versão oficial dizer que o leu: em 1963, e não em 1965, como se lê na versão oficial. Mais um silêncio ressonante, perante forte evidência de que há um texto do Segredo que ainda nos falta ver.

Testemunho-“surpresa” póstumo da Irmã Lúcia

No restante da sua discussão sobre o problema de haver um texto do Segredo nos aposentos papais, Bertone apresentou mais uma evasiva com uma nova e surpreendente declaração atribuída postumamente à Irmã Lúcia:

Sei duas coisas: que, na memória dos que lidaram com *o arquivo*, nunca houve dois envelopes, mas apenas um envelope. A outra é a palavra, ou antes, o reconhecimento

oficial da Irmã Lúcia: “Este é o ‘Terceiro Segredo’ e é o único texto?” “Sim, este é o Terceiro Segredo, e eu nunca escrevi outro”. Os Fatimistas mais empedernidos, e estou a pensar nos que gravitam à volta do Padre Nicholas Gruner, ficam desapontados.²⁰⁴

Antes de discutirmos a “citação” da Irmã Lúcia, que Bertone apresentou como uma novidade, e que não aparece em parte nenhuma nos sete anos que passaram desde o lançamento da versão “oficial”, façamos uma pausa para considerar o cuidado com que falou na sua evasiva repetida de que no *arquivo* do Santo Ofício havia apenas um envelope “na memória” (mais exactamente, na memória de quem?) dos que lidaram com ele. Mais uma vez, Bertone sabe muito bem que o texto no arquivo do Santo Ofício não interessa aqui, mas note-se a qualificação com que inicia a sua declaração: “Sei duas coisas...”, a que se seguem as “duas coisas” que Bertone “sabe”. Quer isto dizer que Bertone *não* “sabe” – porque *decidiu* não “saber” – se há (ou havia) outro texto do Segredo num envelope guardado nos aposentos papais, e não no arquivo. Não “sabe” porque *não perguntou*. Ou, pior ainda, perguntou e não quer dar-nos a resposta – pelo menos ainda não.

Mas, como explicaremos em pormenor no Capítulo 8, foi o *próprio Bertone* quem acabou por revelar a existência do segundo envelope, como se tivesse sido sempre parte do que estava no arquivo, sugerindo que Lúcia tinha, por alguma razão sem sentido, usado dois envelopes lacrados idênticos para guardar um texto, embora ele nunca se tivesse referido a um segundo envelope até então. E, como veremos no Capítulo 10, Bertone, através de De Carli, confessaria por fim, durante a sua entrevista na televisão em Setembro de 2007, que há *mais um* envelope referente ao Segredo, com o texto ditado por João XXIII e os nomes dos que leram o texto do Segredo, envelope este que Bertone *nunca apresentou*, embora confessasse, na sua entrevista, que este envelope *esteve, de facto, guardado nos aposentos papais*.

Que conclusão havemos de tirar da declaração de Bertone, atrás citada n’A *Última Vidente* de que “na memória dos que lidaram com o *arquivo*, nunca houve dois envelopes, mas *apenas um envelope*”? É evidente que, se havia só um envelope no arquivo, o segundo envelope, que até aí nunca tinha sido mencionado, devia ter vindo de outro lado, ou seja, dos aposentos papais.

Passemos agora ao testemunho-“surpresa” póstumo da Irmã

²⁰⁴ Ibid., p. 76.

Lúcia. Na passagem acima citada, Bertone introduziu de repente – pela primeira vez nesta controvérsia – uma alegada declaração de Lúcia que, por qualquer razão, nunca tinha antes citado: “Sim, este é o Terceiro Segredo, e eu nunca escrevi outro”, em resposta à alegada pergunta: “Este é o ‘Terceiro Segredo’ e é o único texto?” De onde veio esta alegada declaração? Quando é que Bertone alega que foi feita? Teria sido numa das três entrevistas não gravadas que teve com Lúcia? Se assim foi, teria sido na entrevista de 2000, de 2001 ou de 2003? E além de Bertone, quem diz ter sido testemunha desta declaração de que nunca tínhamos ouvido falar?

Como Socci pergunta: “Porque é que Bertone nunca citou uma frase tão importante na sua publicação oficial [a *Mensagem*]?” E nós acrescentaríamos: Porque é que esta alegada declaração não aparece também no comunicado de Bertone sobre a entrevista “desastrosa” com a Irmã Lúcia em 17 de Novembro de 2001, depois de ser publicada a *Mensagem*? Tanto a *Mensagem* de 2000 como o comunicado de 2001 foram publicados com o fim específico de abafar toda e qualquer especulação sobre o Terceiro Segredo. E querem convencer-nos de que uma alegada declaração de Lúcia, que dizia respeito directamente à questão de um texto que faltava, foi talvez inadvertidamente omitido não só destes documentos “oficiais”, mas de todas as outras declarações de Bertone ou de outros funcionários do Vaticano *nos sete anos seguintes*, e de repente saltou do chapéu durante uma entrevista com Giuseppe De Carli – e muito convenientemente, visto que uma testemunha viva (Capovilla) tinha acabado naquela altura de confirmar a existência do texto que faltava.

Parece que as misteriosas “notas”, “sínteses” e “minutas editadas” de Bertone, referentes aos seus encontros particulares com a falecida Irmã Lúcia, guardam convenientemente aquilo de que ele precisa para a altura em que ele precisar – e nem um minuto antes. E esperam que acreditemos nesta declaração revelada postumamente pelo mesmo homem que já declarara que a Irmã Lúcia, que escreveu no envelope do Terceiro Segredo “Por ordem expressa de Nossa Senhora...”, lhe dissera que nunca tinha recebido uma ordem expressa de Nossa Senhora. E mais, como Socci observa, pedem-nos que acreditemos numa “nova declaração que agora – e só agora, quando a vidente já morreu – o prelado lhe atribuiu.”²⁰⁵

²⁰⁵ Antonio Socci, “Caro Cardeal Bertone: Qual – de nós dois – está a mentir deliberadamente?”, *Liberio*, 12 de Maio de 2007; tradução portuguesa em <http://www.fatima.org/port/crusader/cr86/cr86pg35.asp>. Cf. também *The Fatima Crusader*, Nº 86

Além disso, é difícil ver por que razão deveríamos acreditar no Cardeal quanto a esta declaração introduzida tão subitamente, quando, como o próprio Cardeal iria revelar na televisão umas semanas depois, a sua afirmação de que havia “apenas um envelope” referente ao Segredo era falsa.

Fugindo novamente ao “etc”

Mas nem sequer a declaração “salvadora” da “Irmã Lúcia”, revelada subitamente, responde clara e inequivocamente à pergunta que Bertone se recusa resolutamente a responder, ou até a reconhecer, quando lha fazem directamente: Se Lúcia escreveu nalgum lado as palavras de Nossa Senhora a concluir a frase cujo princípio fatídico incluiu na sua Quarta Memória: “Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé etc.” Ou a esta pergunta: Se Lúcia escreveu nalgum lado quaisquer *palavras* da Santíssima Virgem que explicassem a visão do Bispo vestido de branco. Isto, aparentemente, é mais uma coisa que Bertone pode dizer que não “sabe”.

Socci pergunta como é que, não havendo um motivo para a ocultar, a pergunta sobre as restantes palavras da Santíssima Virgem interrompidas pelo “etc” podia ter sido ignorada por Bertone nas suas múltiplas entrevistas à Irmã Lúcia: “Poder-se-á talvez aceitar que uma frase de importância tão capital possa ter sido esquecida por distração? Haveria uma ocasião melhor para esclarecer o sentido daquela palavra dramática que ficou em suspenso? Mas, infelizmente, não há nada que Bertone desejasse perguntar à vidente (teria ele medo da resposta?)... Uma escolha que, infelizmente, reforça a ideia de um embaraço insuperável a respeito daquela frase da Madonna e agrava a suspeita de que há alguma coisa grave a esconder...”²⁰⁶

N’A *Última Vidente*, Bertone continuou a evitar discutir a questão do “etc” como se fosse a peste, embora *ele próprio se refira ao problema* ao responder à declaração de Socci de que um texto por revelar do Segredo menciona acontecimentos terríveis para a Igreja depois de 1960:

Voltamos à tese martelada e tornada a martelar de que o atentado contra o Papa em 13 de Maio de 1981 não é o

(Verão de 2007), pp. 35-42.

²⁰⁶ Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 90.

conteúdo do Terceiro Segredo.²⁰⁷ O ‘Terceiro Segredo’ seria antes a continuação da frase ‘Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé etc...’, que, segundo os Fatimistas, seria explosiva. Depois do “etc” há [N.B.: um descuido revelador?], haveria, outro texto.²⁰⁸

Tendo exposto com suficiente exactidão a posição dos “Fatimistas”, Bertone não faz sequer a mínima tentativa para a refutar. Simplesmente troça dela como se fosse uma “tese martelada e tornada a martelar”. Como se estivesse fora de questão notar que o “etc” significa que as palavras que se seguiam foram omitidas! Como se o Padre Schweigl, que não era, de modo nenhum, um “Fatimista”, mas antes emissário de Pio XII em 1952, não tivesse declarado (sem ser contradito por ninguém) que *a segunda parte* do Terceiro Segredo “logicamente – embora não deva dizer nada – teria de ser a continuação das *palavras* ‘Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé etc’”²⁰⁹ Como se ninguém tivesse suspeitas pelo facto de Bertone, apesar de o Vaticano estar a par desta pergunta escaldante há anos, não se ter lembrado de perguntar à Irmã Lúcia o que vinha depois do “etc” e onde é que ela o tinha escrito, ou, se perguntou, ocultou a resposta. Como se não houvesse nada de especial no facto de Bertone e os seus colaboradores terem usado a Terceira Memória da Irmã Lúcia, em vez da Quarta, que é mais completa e que contém as palavras da Santíssima Virgem que precedem o “etc” de Lúcia, de modo que a *Mensagem* podia fingir que aquelas palavras não fazem parte da Mensagem de Fátima, e que não eram mais do que “qualquer observação” tardia de Lúcia, que podiam ficar enterradas numa nota de rodapé e serem convenientemente ignoradas.²¹⁰

De Carli, retomando o tema a que Bertone acabara de se referir, apenas para o evitar, embora fizesse um comentário em como era injusto que Bertone tivesse sido “posto na grelha”, escreveu o

²⁰⁷ Note-se a tentativa de considerar a “interpretação” disparatada e geralmente rejeitada que Sodano faz da visão do “Bispo vestido de branco” como se fosse indisputavelmente “o conteúdo do Terceiro Segredo.”

²⁰⁸ Bertone, *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 77.

²⁰⁹ WTAF, Vol. III, p. 710.

²¹⁰ Embora Bertone e companhia pusessem de lado a Quarta Memória para poderem “interpretar” o Terceiro Segredo como uma mera descrição de acontecimentos passados n’A *Mensagem de Fátima*, Bertone descobre de repente os seus méritos n’A *Última Vidente*, citando-a como o documento “mais extenso”, e citando-o a respeito da explicação da Irmã Lúcia de que o conteúdo das aparições estava inscrito indelevelmente na sua alma e “quase impossível de esquecer... O próprio Deus [sic] não quer que seja esquecida”. Bertone, *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 80.

seguinte:

Aquele 'etc', segundo Socci e outros... quereria aludir ao texto que o Vaticano não quis revelar. Não é revelado porque é um boomerang contra a Igreja. A predição de uma apostasia planetária da parte da Igreja. Um "Apocalypse Now" para Roma. Roma perderia a fé e tornar-se-ia a sede do Anticristo. O cheiro do fumo de Satanás está no ar...

E qual foi a resposta do Cardeal? *Mais uma vez*, ignorou completamente o "etc", lançou um protesto indignado e acenou com mais uma evasiva:

São puros disparates. Desculpe-me, quer que a profecia de Fátima diga respeito à apostasia da Igreja de Roma? Roma, a sede do Anticristo?²¹¹ Com o amor que a Madonna tem pelo Papa e o Papa pela Madonna? Todos os Papas do Século XX, incluindo o Papa Ratzinger? Podiam escrever-se livros... que denunciam a presença de uma conspiração, de uma cabala retorcida, para não dizer a verdade, mas, antes, para a transmitir em código. E quem puder compreender, que compreenda. Não, é uma reconstrução, uma investigação... Estou espantado por ver jornalistas e escritores que se dizem católicos prestar-se a este jogo.²¹²

No meio desta indignação, não se encontra uma resposta à acusação de que Bertone e os seus colaboradores evitaram deliberadamente o "etc" revelador, porque sabem que é a continuação de uma parte ainda por revelar da Mensagem de Fátima. Aqui Bertone continua com as evasivas, apesar de De Carli lhe ter acabado de chamar a atenção para o facto! Em vez disso, Bertone defende, de forma bastante demagógica, a honra dos Papas conciliares e pós-conciliares, quando praticamente ninguém, incluindo Socci, defendeu a ideia de que Nossa Senhora profetizara que os *Papas* perderiam a fé.²¹³ Pelo contrário, a

²¹¹ É uma referência clara à aparição aprovada de Nossa Senhora de La Salette, que avisou em 1846 que "Roma perderá a Fé e tornar-se-á a sede do Anticristo", mas não que os Papas cairiam na apostasia. Curiosamente, Bertone citou as palavras de Nossa Senhora como se fossem "disparates" dos "Fatimistas", sem mencionar que fazem parte de uma aparição da Santíssima Virgem, indiscutivelmente aprovada como autêntica pelo Bispo de Grenoble, que estabeleceu a devoção de Nossa Senhora de La Salette. Cf. *Catholic Encyclopedia* (1917), *La Salette*. O conteúdo preciso do Segredo que Nossa Senhora de La Salette revelou à vidente Mélanie Calvat ultrapassa o tema deste livro, e não é necessário para a nossa exposição.

²¹² Bertone, *L'Ultima Veggente di Fatima*, p. 78.

²¹³ Notemos também que Bertone leu o livro de Socci com atenção, de tal modo que apanhou a frase de Socci "quem puder compreender, que compreenda" a propósito

Mensagem de Fátima profetiza que o Papa “terá muito que sofrer”, e esse sofrimento inclui o que é predito no Terceiro Segredo (nas palavras de explicação da Santíssima Virgem, ainda por revelar): apostasia na Igreja, que, afinal, é até predito na própria Sagrada Escritura.²¹⁴

Ignorando uma sucessão de testemunhas

Quanto ao que Bertone disse sobre Socci e os “Fatimistas” divulgarem “puros disparates”, indignos de Católicos autênticos, ao proporem que o Segredo prediz uma apostasia na Igreja, Socci sublinhou que não foi ele, mas sim testemunhas irrepreensíveis, que ligam o Terceiro Segredo à apostasia:

No seu livro, [Bertone] acrescenta mais um ataque contra mim, porque eu teria sugerido que o Segredo prevê a “apostasia da Igreja de Roma”, e da sua hierarquia superior. Primeiro que tudo, Bertone devia ler novamente e com cuidado o que Jesus disse à Irmã Lúcia na Sua aparição de Agosto de 1931.²¹⁵ Além disso, não fui eu que falei sobre a apostasia, mas o Cardeal Ottaviani e o Cardeal Ciappi (“No Terceiro Segredo é predito, entre outras coisas, que a grande apostasia na Igreja começará pelo cimo.”).²¹⁶ Um conceito análogo aparece nas palavras da Irmã Lúcia ao Padre Fuentes e em duas declarações do Cardeal Ratzinger...²¹⁷

da sua hipótese de que o Terceiro Segredo teria sido revelado indirectamente, através dos sermões apocalípticos de João Paulo II em Fátima, de modo a que o Vaticano pudesse dizer que “tudo” tinha sido revelado. Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 91.

²¹⁴ Por exemplo: “Não deixeis que ninguém vos engane, porque [os Últimos Dias] não chegarão sem a apostasia vir primeiro, e o homem da iniquidade, o filho da perdição, ser revelado” (2 Tess. 2:3).

²¹⁵ “Participa aos Meus ministros que, dado seguirem o exemplo do rei de França na demora em executar o Meu pedido, tal como a ele aconteceu, assim o seguirão na aflição...” citado pelo Dr. Joaquín María Alonso em *Fátima ante la Esfinge*, Graf. Dehon - Conmar, 23-25 - Torrejón de Ardoz, 1978, p. 97; cf. *WTAF*, Vol. II, pp. 543-544.

²¹⁶ Cf. Padre Gerard Mura, “The Third Secret of Fatima: Has It Been Completely Revealed?” [“O Terceiro Segredo de Fátima: Foi completamente revelado?”], no jornal *Catholic* (publicado pelos Redentoristas Transalpinos, Ilhas Orkneys, Escócia, Grã-Bretanha), Março de 2002.

²¹⁷ Socci, “Caro Cardeal Bertone: Qual - de nós dois - está a mentir deliberadamente?”, loc. cit. (tradução portuguesa em <http://www.fatima.org/port/crusader/cr86/cr86pg35.asp>); cf. também *The Fatima Crusader*, Nº 86 (Verão de 2007), pp. 35-42. Socci refere-se aqui à entrevista feita pelo Padre Fuentes à Irmã Lúcia em 1957 e às declarações do Cardeal Ratzinger em 1984 e 1985, a que nos referimos no Capítulo 3.

Mas Bertone, n' *A Última Vidente*, não tem uma palavra a dizer sobre os depoimentos da lista de testemunhas que já citámos, incluindo Cardeais, Papas e a própria Irmã Lúcia, que estabelecem que o Terceiro Segredo tem mais do que uma visão sem palavras e ambígua de um "Bispo vestido de branco".

Isto que acabámos de ver representa tudo o que o Cardeal Bertone tentou usar n' *A Última Vidente* para responder à hipótese que Socci apresentou no *Quarto Segredo*. Como podemos ver, Bertone dá razão, na prática, a toda a argumentação de Socci, causando deste modo estragos consideráveis à versão oficial. Bertone não dá mais que uma aparência de responder a Socci, quando, na realidade, o Cardeal falhou em cada um dos pontos da acusação meticulosamente planeada de Socci. Como este sublinhou: "O problema é que este livro nem sequer dá uma só resposta às questões que levantei. Pelo contrário, causa mais problemas. Senti-me totalmente embaraçado quando li uma resposta tão atrapalhada e auto-incriminatória."²¹⁸ Mas o estrago que *A Última Vidente* causou à "reconstrução oficial" não acaba aqui.

Uma nova versão da "confissão" da Irmã Lúcia

N' *A Última Vidente*, Bertone apresentou uma versão inteiramente nova da alegação que fizera anteriormente na *Mensagem*: que, durante uma entrevista com a Irmã Lúcia, que não foi gravada, esta ter-lhe-ia dito que a Santíssima Virgem nunca lhe tinha dado uma "ordem expressa" para que o Segredo só pudesse "ser aberto em 1960" pelo Cardeal Patriarca de Lisboa ou pelo Bispo de Leiria. Pelas razões já discutidas, Bertone e os seus colaboradores estavam claramente determinados a neutralizar a ideia de que a própria Virgem Maria tinha ligado o Terceiro Segredo a 1960, ano que se seguiu à convocação do Concílio Vaticano II pelo Papa João XXIII. N' *A Última Vidente*, o ataque à "ordem expressa de Nossa Senhora" continuou.

Referindo-se a este tema, De Carli comentou que "No envelope da Congregação [o que alegadamente continha a visão] estava escrito '1960'. Era necessário abri-lo naquele ano... Era um desejo preciso da Irmã Lúcia." A maneira como a pergunta foi construída

²¹⁸ Socci, "Caro Cardeal Bertone: Qual - de nós dois - está a mentir deliberadamente?", loc. cit. (tradução portuguesa em <http://www.fatima.org/port/crusader/cr86/cr86pg35.asp>). Cf. também *The Fatima Crusader*, Nº 86 (Verão de 2007), pp. 35-42.

já nos desvia da verdade: a Irmã Lúcia escreveu muito mais do que '1960' no envelope, e o que ela escreveu era muito mais do que o *seu* desejo. Mas De Carli preparou a resposta de Bertone:

Ao aproximar-se aquela data, alguém pensou que naquele ano iria acontecer alguma coisa extraordinária. Perguntei à Irmã Lúcia: "Foi a Madonna que sugeriu aquela data, para indicar um termo cronológico tão preciso?" Ela respondeu: "*Foi uma decisão minha, porque achei que 1960 seria uma data muito distante de quando escrevi o 'Segredo' em 1944 e porque pensei que estaria morta nesse ano, e portanto o último obstáculo à interpretação e à revelação do segredo teria desaparecido. A Madonna não me comunicou nada a esse respeito.*"... Era uma *data fictícia* e Lúcia *confessou-o* com uma candura deferente.²¹⁹

É espantoso ver como Bertone mais uma vez acusou publicamente a Irmã Lúcia de ser uma mentirosa confessa – ela, a vidente escolhida por Deus que, aos 10 anos, não quis mentir quando foi ameaçada com tortura e morte pelo Administrador de Ourém, como vimos no Capítulo 1. É ainda espantoso ver como Bertone sugere que Deus escolheu uma mensageira que inventava ordens da Santíssima Virgem que nunca tinham existido. A nova descrição que Bertone faz da alegada "confissão" da Irmã Lúcia, segundo a qual ela teria simplesmente inventado uma ordem expressa da Mãe de Deus – ordem essa que obedientemente escrevera no lado de fora dos *dois* envelopes que Bertone mostraria ao mundo na televisão semanas mais tarde – é por si só inacreditável. Todavia, antes de examinar esta incrível "confissão", será útil colocá-la lado a lado com a "confissão" original, publicada sete anos antes na *Mensagem*. Veja-se a Tabela 1 na página seguinte.

Para começar, vemos uma "liquidez" alarmante nas citações que Bertone fez da Irmã Lúcia, alegadamente tiradas das suas "notas" que ninguém viu. A redacção e o conteúdo das duas alegadas citações são inteiramente diferentes, e Bertone, misteriosamente, não indicou em qual das suas três entrevistas não gravadas com a vidente (Abril de 2000, Novembro de 2001, Dezembro de 2003) teria obtido a versão de 2007 da sua "confissão". Nem apresenta qualquer registo feito na ocasião da alegada "confissão".

Um exame das "notas" de Bertone seria muito interessante, porque, da versão de 2000 para a versão de 2007, há uma alteração drástica das alegadas razões de Lúcia para "escolher" a data de

²¹⁹ *L'Ultima Veggente di Fatima*, p. 92.

TABELA 1
AS DUAS VERSÕES QUE BERTONE DEU DA ALEGADA “CONFISSÃO”
DA IRMÃ LÚCIA SOBRE A “ORDEM EXPRESSA DE NOSSA SENHORA.”

<u>26 de Junho de 2000</u> (<i>Mensagem</i>) ²²⁰	<u>10 de Maio de 2007</u> (<i>A Última Vidente</i>) ²²¹
<p>Bertone: “Porquê o limite de 1960? Foi Nossa Senhora que indicou aquela data?”</p> <p>“Lúcia”: “Não foi Nossa Senhora; fui eu que meti a data de 1960 porque, segundo intuição minha, antes de 1960 não se perceberia, compreender-se-ia somente depois.”</p>	<p>Bertone: “Foi a Madonna que sugeriu aquela data, para indicar um termo cronológico tão preciso?”</p> <p>“Lúcia”: “Foi uma decisão minha, porque achei que 1960 seria uma data muito distante de quando escrevi o ‘Segredo’ em 1944 e porque pensei que estaria morta nesse ano, e portanto o último obstáculo à interpretação e à revelação do segredo teria desaparecido. A Madonna não me comunicou nada a esse respeito.”</p>

1960. Na versão de 2000, Lúcia alegadamente escolheu aquela data por causa de uma “intuição” de que não seria compreendida antes de 1960, mas sê-lo-ia depois daquele ano. Na versão de 2007, porém, a “intuição” sobre 1960 desapareceu, para ser substituída por uma simples “decisão” baseada em razões totalmente diferentes: 1960 estava “muito distante” de 1944, a Irmã Lúcia pensou que já teria morrido por volta de 1960, e com a sua morte o *último obstáculo* para revelar e “interpretar” o Segredo desapareceria.

A versão de 2000 da “confissão” já era incrível, pelas razões já discutidas no Capítulo 4. A versão de 2007 – outra “surpresa” póstuma que Bertone nunca tinha mencionado antes – não só é incrível mas está cheia de disparates que a Irmã Lúcia não podia ter dito, a não ser que estivesse sob grande pressão exterior. Podem apresentar-se pelo menos seis objecções:

- *Primeira*, a Irmã Lúcia nunca tomaria, por si própria, uma “decisão” sobre quando havia de revelar o Segredo que Nossa Senhora lhe mandara que não dissesse “a ninguém”, excepto a Francisco. Só a ideia é ridícula.

²²⁰ *Mensagem*, p. 29.

²²¹ *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 92.

- *Segunda*, 1960 não era “muito distante” de 1944. E mesmo que fosse, uma data, só por ser “muito distante” de 1944, não era uma razão lógica para Lúcia “decidir” que *esta* data, entre todas as datas, seria uma boa altura de revelar o Segredo que, por ordens do Céu, *não* podia revelar.
- *Terceira*, o que daria à Irmã Lúcia a ideia de que estaria morta em 1960, quando ela viveu até à idade avançada de 97 anos? Não se encontra em parte nenhuma dos seus escritos uma sugestão, por mínima que seja, de que ela pensava que iria morrer antes de completar os 53 anos.
- *Quarta*, porque é que, de todos os anos que passaram desde 1944 até à sua morte em 2005, teria a Irmã Lúcia “escolhido” 1960 como o ano em que se devia revelar o Segredo? Porquê *dezasseis* anos depois de 1944, em vez de um número redondo como dez ou vinte anos?
- *Quinta*, o que faria a Irmã Lúcia pensar que ela, a receptora original do Terceiro Segredo, a vidente escolhida por Deus, era um *obstáculo* à sua revelação e “interpretação”, de tal modo que só a sua morte removeria “o último obstáculo à interpretação e à revelação do segredo”? E mesmo que ela tivesse expressado esta ideia absurda, porque é que ela se veria a si própria como o *último* obstáculo?
- *Sexta*, n’A *Última Vidente*, Bertone afirmou que foi enviado a Coimbra para entrevistar Lúcia em Abril de 2000, pouco antes da publicação da visão e do comentário na *Mensagem*, porque o Papa “tinha necessidade de uma interpretação definitiva da parte da religiosa.”²²² Mas, no mesmo livro, Bertone espera que acreditemos que a Irmã Lúcia considerava a sua própria existência neste mundo como “o último *obstáculo*” à interpretação do Segredo!

Tendo anunciado a última versão da “confissão” da Irmã Lúcia – não mencionada nos sete anos anteriores e só revelada depois da sua morte – Bertone disse que era “uma explicação plausível, mas penso que não pode ser completamente satisfatória. [É o mínimo que se podia dizer!] O arco do tempo de 1944 a 1960 provavelmente significava para ela um horizonte remoto, um arco temporal suficientemente grande para a compreensão do sentido da visão.”²²³

²²² Ibid., p. 39.

²²³ Ibid., p. 92.

Ao que parece, Bertone não deu pelo absurdo monumental desta declaração: que a Irmã Lúcia, vidente escolhida por Deus, tinha tal falta de compreensão da visão que o próprio Deus Se dignara transmitir-lhe, e tão abandonada a seguir por Nossa Senhora de Fátima, que se viu forçada a construir o seu “arco temporal” para aferir o significado da visão, incluindo a selecção arbitrária do ano de 1960 como o ponto terminal deste “arco.” Teríamos de acreditar que era este estado desordenado da questão que a Mãe de Deus nos deixou, para os Cardeais Sodano e Bertone o desenharem com a sua “interpretação” do Terceiro Segredo em 2000, cerca de 83 anos depois das aparições de Fátima.

Porquê tanta preocupação sobre 1960?

Podemos questionar-nos sobre a razão que levou o Cardeal Bertone a dedicar tanta atenção à tentativa de descrédito do testemunho da Irmã Lúcia, segundo o qual a Santíssima Virgem tinha ligado a revelação do Terceiro Segredo de Fátima ao ano de 1960. O que interessava a Bertone e aos seus colaboradores ter Nossa Senhora ligado temporalmente este ano em particular ao Segredo? Por que razão têm tal relutância em deixar manter esta ligação? E por que razão, como se quisessem facilitar a acusação de Lúcia ter inventado a data, esconderam do público o envelope (ou, como depois se saberia, *dois* envelopes) que confirmava precisamente essa ligação por “ordem expressa de Nossa Senhora”? Há duas razões que explicariam esses actos de modo a não parecerem inúteis e irracionais.

Primeiro, como já sugerimos, se a Rainha do Céu tinha ligado expressamente os acontecimentos profetizados no Segredo ao ano de 1960, só este facto destruiria a “interpretação preventiva” que exige que a visão do “Bispo vestido de branco” se refira à tentativa de assassínio de 1981, que não tem a mínima ligação a 1960 – nem ao que aparece claramente descrito na própria visão: um Papa a ser executado por soldados, a que se seguiu a morte de bispos, padres, religiosos e leigos numa colina fora de uma cidade arruinada.

Segundo, os autores da *Mensagem* sabem que a ordem de Nossa Senhora para atrasar a revelação do Segredo até 1960 aponta, sem margem de dúvida, para a conclusão de que a visão, que aparentemente não parece estar ligada a este ano, deve ser apenas uma parte do Terceiro Segredo, cuja ligação a 1960 (e acontecimentos seguintes) só poderia ser explicada *por outro texto*,

em que a Santíssima Virgem explicava o contexto histórico e o significado da visão. Recordemos de novo a revelação do Padre Schweigl de que o Terceiro Segredo “tem duas partes,” uma das quais “logicamente teria de ser a continuação [...] das palavras ‘Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé etc.’”²²⁴

Assim, a “ordem expressa de Nossa Senhora” tinha de desaparecer. Só eliminando a ligação temporal, feita pela Santíssima Virgem, do Terceiro Segredo ao ano de 1960, podia Bertone conseguir religar o Segredo a 1981, para estar conforme à sua “interpretação” da visão, enquanto distraíam as pessoas do facto de que a visão, só por si, não podia, de modo nenhum, estar completa, porque não contém nada que, segundo disse a Irmã Lúcia ao Cardeal Ottaviani, seria “*mais claro*” em 1960 do que, por exemplo, em 1950. Por isso, para defender a posição de Bertone era essencial dizer que a Irmã Lúcia tinha inventado a ordem da Santíssima Virgem. É conveniente Lúcia já não ser capaz de contradizer Bertone.

Mas os Católicos devem perguntar a si próprios: *Quem é que tem mais probabilidade de ser aqui culpado de uma invenção: a vidente escolhida por Deus ou um prelado que faz por defender a sua posição pessoal?* É oportuno repetir a observação de Socci sobre a entrevista não gravada que Bertone fez da vidente, a que se tem referido selectivamente: “A sensação com que ficamos desta ‘gestão’ da última testemunha de Fátima, deste dizer e contradizer eclesiástico, é de uma certa ousadia, e de versões sazonais e coloridas da verdade. Quase como se a opinião pública, os meios de comunicação e os fiéis não soubessem raciocinar criticamente e detectar as contradições e as respostas evasivas.”²²⁵

Uma nova versão do “acordo” de Lúcia com a “interpretação preventiva”

Mas ainda temos mais a considerar sobre a “gestão” da Irmã Lúcia. Bertone sugere n’A *Última Vidente*, apresentando mais uma declaração revelada postumamente, embora não o diga por essas palavras, que a Irmã Lúcia acabou por concordar explicitamente com a interpretação, justamente ridicularizada, dada pelo Cardeal Sodano a respeito da visão do Bispo vestido de branco executado, como uma descrição do atentado falhado contra a

²²⁴ WTAF, Vol. III, p. 710.

²²⁵ *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 127.

vida de João Paulo II. E Bertone, pela primeira vez em sete anos desta controvérsia, afirmou: “Perguntei-lhe [à Irmã Lúcia]... se ela tinha ligado a referência ao ‘Bispo vestido de branco’ ao ataque a João Paulo II, se o ‘Terceiro Segredo’ se referia não apenas aos Papas, mas, de maneira muito particular, ao Papa Wojtyła.” De Carli perguntou a Bertone o que tinha a Irmã Lúcia respondido, e Bertone disse-lhe: “Que ela tinha imediatamente ligado o ‘Terceiro Segredo’ à tentativa de assassinio do Papa, logo que esta lhe chegou ao conhecimento.”²²⁶

Desta vez, porém, não é citada a alegada pergunta, como também não é a alegada resposta, mas apenas a caracterização de Bertone do que ele alegou ter sido dito sete anos atrás. E o que alegou que a Irmã Lúcia teria dito – e só revelou depois do falecimento desta – é uma “melhora” nítida em relação à versão que aparece na *Mensagem*:

Quanto à passagem relativa ao Bispo vestido de branco, isto é, ao Santo Padre – como logo perceberam os pastorinhos durante a “visão” – que é ferido de morte e cai por terra, a Irmã Lúcia concorda plenamente com a afirmação do Papa: “Foi uma mão materna que guiou a trajectória da bala e o Santo Padre agonizante deteve-se no limiar da morte” (João Paulo II, *Meditação com os Bispos Italianos, a partir da Policlínica Gemelli*, 13 de Maio de 1994).²²⁷

Em 2000, Bertone afirmou na *Mensagem* que Lúcia lhe dissera que “concordava plenamente” que a Santíssima Virgem guiara a bala de Ali Agça para uma trajectória não fatal, e *não* que o Bispo vestido de branco era, na realidade, João Paulo II. Na *Mensagem* foi Bertone, e não a Irmã Lúcia, quem se referiu à “passagem sobre o Bispo vestido de branco”; Lúcia apenas se teria referido à trajectória da bala. Justapondo as duas declarações separadas, Bertone criou a impressão – e não passava disso – de que a Irmã Lúcia concordava com a interpretação da visão feita pelo Cardeal Sodano. Mas agora, sete anos mais tarde, Bertone anunciou subitamente que a Irmã Lúcia “tinha imediatamente ligado o ‘Terceiro Segredo’ à tentativa de assassinio do Papa, logo que esta lhe chegou ao conhecimento.” Ora esta notícia não aparece na descrição mais antiga de Bertone, na *Mensagem*, nem no seu comunicado sobre a alegada entrevista de Novembro de 2001, posterior à *Mensagem*, nem em qualquer outra declaração feita por Bertone antes da publicação d’A *Última*

²²⁶ *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 62.

²²⁷ *Mensagem*, p. 28.

Vidente.

Mas atenção: Depois de Bertone ter ridicularizado “os Fatimistas” por terem para si que uma visão do Papa a ser morto por soldados significa que um Papa é morto por soldados, De Carli pega o touro de caras e pergunta directamente a Bertone: “Explicou tudo isto à Irmã Lúcia, e ela aceitou a interpretação?” Resposta de Bertone: “Certamente, *embora não nestes termos*. Ela insistiu na força da oração e na convicção, forte como granito, de que os Corações de Jesus e Maria não podem ficar surdos às nossas súplicas”.²²⁸

Por outras palavras: Não! Ao ser-lhe feita uma pergunta directa, Bertone foi forçado a admitir que a Irmã Lúcia *não* concordou exactamente em que o Papa da visão era João Paulo II. E se ela não concordou, então não podia ter acreditado que o Terceiro Segredo se refere inteiramente a acontecimentos do Século XX, que culminaram com a tentativa de assassinio de 1981.

Mais um desastre

Podíamos continuar por muitas páginas mais, mas é altura de pararmos, porque já provámos que *A Última Vidente* é mais um desastre para Bertone e para o Vaticano. O que Bertone afirmou, com toda a seriedade, sobre “uma operação de transparência”²²⁹ em Maio-Junho de 2000 mostra-se, pelo seu próprio livro, que se tratava de um encobrimento, como Socci já tinha provado. O Vaticano ficou perante o pior dos cenários possíveis: Bertone defrontou-se com Antonio Socci mas fracassou na sua tentativa de refutação, dando, assim, razão à posição de Socci – e, pior ainda, enredou-se em ainda mais contradições e implausibilidades do que antes. Como Socci conclui, e com razão, na sua resposta a *A Última Vidente*, isto foi mau, não só para Bertone e o Vaticano, mas para a Igreja Católica em geral:

Para qualquer autor, ser atacado pessoalmente pelo Secretário de Estado do Vaticano sem quaisquer provas seria um golpe. Mas para mim foi um desastre, porque me considero Católico em primeiro lugar, antes de ser jornalista. Preferia estar errado e ter sido refutado. Ou esperava que a Santa Sé decidisse finalmente revelar toda a verdade sobre o Terceiro Segredo de Fátima, publicando a parte ainda por divulgar, como Nossa Senhora pediu. Se assim não pudesse

²²⁸ *L'Ultima Veggente di Fatima*, p. 65.

²²⁹ *Ibid.*, p. 57.

acontecer, teria preferido ser ignorado, criticado, boicotado. Mas o único erro, a única coisa a evitar, foi exactamente o que Bertone fez: apresentar-se em público sem responder a nada, e, pior ainda, acrescentar novas e desastrosas revelações. Para ele e para o Vaticano.²³⁰

Ora Bertone recusou-se a admitir o menor problema na “reconstrução oficial” que ele defendeu com tanta veemência n’*A Última Vidente*, uma reconstrução que “mete água por todos os lados”. Em vez disso, Bertone queixou-se de quem (como Socci) se recusa a aceitar que, como ele explicou, “a profecia não está aberta ao futuro, está relegada ao passado.”²³¹ Bertone acusou os seus críticos de “não quererem render-se à evidência”²³² – mas qual evidência? – na mesma altura em que ele ignora, de forma reveladora, uma montanha de evidências que se opõem à versão oficial.

Louvores papais tanto para Bertone como para Socci?

Não podemos concluir este capítulo sem notar que o livro de Bertone inclui uma carta de “apresentação” do Papa Bento XVI, em que Sua Santidade evita nitidamente referir-se ao mínimo pormenor da controvérsia. Nesta carta, como Socci indicou, o Papa “limita-se a generalidades” que não têm nada a ver com as proposições de Socci. Mas, o que complica ainda mais o enredo, Socci revelou que *ele próprio* tem uma carta do Papa “sobre o meu livro, agradecendo-me pelos ‘sentimentos que o sugeriram.’” E acrescentou que as palavras do Papa são “reconfortantes, perante os insultos e acusações grosseiras” que Bertone lhe lançara.²³³

Compreende-se que Socci tivesse ficado confortado com a carta do Papa, mas esta levanta questões muito perturbadoras: Por que razão teria o Papa agradecido a Socci por ter escrito um livro que acusa o Vaticano de uma autêntica conspiração para esconder as palavras da Mãe de Deus, parecendo ao mesmo tempo apoiar o seu Secretário de Estado no ataque a Socci, cheio de evasivas que apenas confirmam as suspeitas dos fiéis? Se o que Bertone disse é verdade e o que Socci disse é falso, porque é que a carta do Papa a Socci não contém, aparentemente, uma palavra de reprovação ou

²³⁰ Socci, “Caro Cardeal Bertone: Qual – de nós dois – está a mentir deliberadamente?”, loc. cit. (em <http://www.fatima.org/port/crusader/cr86/cr86pg35.asp>). Cf. também *The Fatima Crusader*, Nº 86 (Verão de 2007), pp. 35-42.

²³¹ *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 79.

²³² *Ibid.*

²³³ Socci, “Caro Cardeal Bertone...”, loc. cit.

correção? E porque é que nem o Papa nem o Vaticano divulgaram *qualquer* crítica oficial do *Quarto Segredo*, que lançou perante a opinião pública mundial as mais graves acusações possíveis contra personalidades do Vaticano, incluindo os Papas João XXIII e Paulo VI?

Aqui teremos de voltar à nossa hipótese provisória. Talvez, como Socci sugere, o próprio Papa Bento XVI esteja sob a mesma reserva mental posta em prática pela decisão particular de João XXIII de não poder (ou antes, de não querer) determinar a autenticidade do texto não publicado. Assim como o Papa João achou particularmente (mas sem se pronunciar com autoridade) que o Segredo não se aplicava “aos anos do meu pontificado”, evidentemente por se referir a uma catástrofe eclesial e planetária que ele considerava inconcebível e que repugnava ao seu optimismo pessoal, assim também certos membros da hierarquia do Vaticano concluíram particularmente desde então que o texto por revelar “não é autêntico”, por constituir um comentário do Céu que é profundamente negativo em relação ao estado da Igreja e do Mundo no tempo do seu mandato. Recordemos a observação de Socci em como a recusa que João XXIII fez inicialmente do Segredo “pesou como uma rocha nos ombros dos seus sucessores.”²³⁴ Assim, Bento XVI e o aparelho de Estado do Vaticano teriam herdado uma autêntica posição de considerar particularmente o texto não publicado como sendo impossível de aceitar, e por isso, convenientemente, defini-lo como meros “pensamentos” ou “observações” de Lúcia e não as palavras autênticas da Santíssima Virgem. Partindo desta premissa, seria fácil para eles racionalizar a parte do Segredo por revelar como “não existente”.

Por outro lado, Bento XVI sabe que Socci está correcto nas suas investigações sobre a existência deste texto “não existente”. Assim, o Papa, dentro da reserva mental acima explicada – com a qual se comprometeu, era ele ainda o Cardeal Ratzinger, co-autor da *Mensagem* – podia ligar o seu nome informalmente às refutações de Bertone (que não são, na realidade, refutações), e ao mesmo tempo aceitar a validade do trabalho de Socci. E enquanto estava a contribuir para o trabalho de Bertone e, ao mesmo tempo, a mostrar gratidão a Socci pelo *seu* trabalho, o Papa não estaria a admitir ou a negar nada, ao contrário de Bertone e dos seus colaboradores. É difícil encontrar outra explicação para a carta pessoal do Papa a apreciar o livro de Socci, livro esse que acusa prelados do Vaticano

²³⁴ *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 164.

de encobrir parte do Terceiro Segredo de Fátima!

Que mistério é este que temos perante nós! Como Socci escreveu, é “o maior mistério do Século XX.”²³⁵ Um mistério que só aumentou nos primeiros sete anos deste século. Um mistério que, poucas semanas depois da publicação d’*A Última Vidente* de Bertone, não podia ser mais intenso, quando Bertone apareceu na televisão, num esforço sem precedentes para salvar a versão oficial que estava a cair em ruínas.

²³⁵ Ibid., p. 14.